
Entre *Deutschum* e brasilidades: as utilizações políticas das construções identitárias e nacionalistasGabriel Goulart Barboza¹Mariáh Leticia Goss²Matheus Lehen³

Resumo: O presente artigo tem como proposta fazer uma análise de notícias, relacionadas à vinda de alemães para o estado de Santa Catarina, contidas em periódicos do século XIX e XX que circulavam no estado. O objetivo é evidenciar como, ao longo dos anos, os discursos que se formaram acerca dos estrangeiros e seus descendentes, receberam diversas entonações, sejam elas positivas ou negativas, de acordo com determinado uso da memória, das relações de poder e do grupo dominante. Dessa maneira pretendemos demonstrar como a necessidade de uma nova mão de obra com o término da escravidão e as primeiras campanhas de nacionalização afetaram e repercutiram nos discursos produzidos pelos periódicos analisados.

Palavras-Chave: Imigração alemã; Discursos; Identidade; Memória; Nacionalismo.

Abstract: This article proposes an analysis of news related with the Germanic immigration to Santa Catarina present in journals of the 19th century and 20th century, which circulated in the State. The goal is to show how over the years the speeches that have been formed about foreigners and their descendants have been receiving several meanings, being positives or negatives according to certain uses of memory, power relations and the dominant group. By the way we intend to show how the needs for a new labor force after the end of slavery and the first campaign of nationalization affected and reflected in this speeches produced by the journals analyzed.

Key words: German Immigration; Speeches; Identity; Memory; Nationalism.

Pesquisar imigração e colonização alemã em Santa Catarina tornou-se um tema que atraiu historiadores de diferentes áreas. Levantando novas questões e apontamentos para discussão da historiografia local o assunto ultrapassou os limites de objeto de pesquisa e serviu também como campo de disputa para questões ligadas a memória e a ideologia. As colônias fundadas no século XIX viriam a se tornar cidades renomadas como Blumenau, Joinville e Itajaí. Foram os habitantes dessas regiões que buscaram guardar e agrupar os documentos, os quais serviram de material para as produções científicas tanto de pesquisadores locais como de outras partes do país. Por meio do estudo de literaturas,

1 Gabriel Goulart Barboza, graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: gabrielgbarboza@gmail.com.

2 Mariáh Leticia Goss, graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina Email: mah.goss@hotmail.com.

3 Matheus Lehen, graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina Email: matheuslehen@hotmail.com.



festividades, publicações, jornais, entre outros mecanismos, procurou-se discutir e construir uma memória identitária aprofundando-se na história local.

Nos estudos realizados em universidades, predominou a pesquisa sobre as questões relacionadas à identidade, trabalho, cotidiano e gênero⁴. Discutir a história desses imigrantes em Santa Catarina é também pensar as relações de poder e disputas políticas que acontecem no âmbito social e cultural, seja em espaços institucionalizados ou no espaço das representações que se cristalizam nas fontes encontradas⁵.

O presente artigo tem por objetivo analisar os jornais *A Regeneração*, *O Dia*, *República* e *Planalto* no final do século XIX e início do século XX. Os mesmos, determinados por condições políticas e relações de poder fizeram emergir discursos sobre as colônias germânicas do Estado com entonações diferentes. Buscamos compreender as mudanças que ocorrem em relação ao discurso proferido durante o final do século XIX, quando se intensificou o curso migratório, e o momento posterior a este, quando começam a surgir questões ligadas ao nacionalismo e civismo brasileiro.

Para tratar do assunto dialogaremos com a política que se estabeleceu durante o período imperial em relação à vinda dos estrangeiros, atrelada à questão de terras debatida na metade do século XIX, a um crescimento no setor agroexportador e de investimento no Estado Brasileiro. Esta que também variou de especificidades e peculiaridades de região em região⁶.

Havia interesse dos grupos dominantes em atrair uma mão de obra europeia para resolver os problemas relacionados declínio do trabalho escravo e suprir a mão de obra em grandes lavouras – principalmente cafezeiras paulistas. Concomitante a isso, a vinda dos imigrantes também serviria como povoamento para áreas com pouca densidade demográfica, delimitando fronteiras e garantindo a posse da terra. Contudo, a aquisição de terras pelos imigrantes deveria ser limitada de maneira que garantisse também a presença de trabalhadores

4 São exemplo desses estudos as dissertações de mestrado das autoras Janine Gomes da Silva - *Tensões, trabalho e sociabilidades: história das mulheres em Joinville no século XIX* - Roseli Zimmer - *Pomedore, a cidade mais alemã do Brasil: as manifestações de germanidade em uma festa teuto-brasileira* - e Juçara Nair Wolf - *Espaços de sobrevivência e sociabilidade: uma análise do cotidiano em São Carlos/SC - 1930-1945*. Todas publicadas pela Universidade Federal de Santa Catarina no Centro de Filosofia e Ciências Humanas no programa de pós-graduação em história em 1997.

5 CAROLA, Carlos Renato; WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. A historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel (Org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 09.

6 MACHADO, Paulo Pinheiro. *A Política de Colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade /UFRGS, 1999.



livres para o trabalho nas grandes lavouras, revelando uma dualidade na política de colonização que foi debatida durante o século XIX⁷.

Ainda devido a um receio do aumento da população negra livre, com o declínio do trabalho escravo, as elites temiam uma possível revolta como a do final do século XIX no Haiti. Dessa maneira fez com que se levantasse outro aspecto nessa política: o de promover um branqueamento e civilização na população, na qual os imigrantes europeus eram uma alternativa⁸.

Dessa forma pretendemos analisar como os jornais do final do século XIX e início do século XX produziram discursos relacionados aos alemães que vieram para Santa Catarina atrelado a essas questões políticas que estavam em voga durante esse período. Nos discursos analisados é possível perceber, além de aspectos da política imperial, também os jornais se utilizavam de traços da identidade germânica que emergia do nacionalismo europeu para justificar a vinda desses imigrantes.

As escolas alemãs também atravessam nossa pesquisa, pois é na história dessas instituições que encontramos parte dos discursos proferidos sobre esses estrangeiros. A fixação de populações em núcleos coloniais de certa forma homogêneos, permitiu que surgisse um projeto de escolarização específico para essa população, contrapondo o modelo brasileiro. Ao debater estas instituições escolares fundadas pelos imigrantes alemães no século XIX e XX, também contribuiremos para uma discussão mais ampla quanto a formação do ensino nacional.

Festa na colônia da capital: os imigrantes no final do século XIX

O uso de jornais do século XIX e XX para analisar períodos históricos, discursos, acontecimentos, relações de poder, etc., vêm se tornando cada vez mais frequente na historiografia. Graças às digitalizações feitas pelas bibliotecas de âmbito nacional e estadual, os periódicos são cada vez mais importantes para o debate sobre temas que por muito tempo ficaram sob um único ponto de vista. Contudo, as utilizações dos jornais exigem algumas metodologias próprias e alguns cuidados específicos.

7 PODELESKI, Onete da Silva. *Terras e colonização em discussão no Parlamento Imperial: o debate da Lei de Terras em 1843*. Florianópolis, 2010. 72 f. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de História Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Hist288234.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017, p. 45.

8 Idem.



Embora os jornais possibilitem ver a diversidade de discursos políticos que circulam em determinado local, devemos ter em mente que os periódicos são sempre publicados por alguém e com um objetivo de atingir certo público alvo. No caso da primeira notícia que vamos expor abaixo do jornal *A Regeneração*, sabemos que seu gerente é Alexandre Margarida, provável chefe ou membro do Partido Liberal, carregando consigo o peso dessa instituição, tendo como público alvo, integrantes e simpatizantes do partido⁹. Outro fato importante é observar a importância dos periódicos naquele período. Responsáveis por informar a população dos acontecimentos da cidade, sejam eles ligados ao cotidiano, ou ao funcionamento de órgãos como o Governo, a Justiça, a Polícia e a Igreja etc. eram os jornais o principal meio de circular as informações por todo o Estado de Santa Catarina. Por mais que a grande parte da população de Santa Catarina não fosse letrada o giro das informações entre os habitantes por meio da oralidade, permitia que esse meio de comunicação atingisse um público mais amplo.

Tendo em vista esses cuidados, nossa primeira análise referente aos discursos sobre a imigração alemã se fez a partir da notícia publicada no dia 31 de maio de 1888 no jornal *A Regeneração*. Passadas algumas semanas da sanção da Lei Áurea o jornal do órgão do partido liberal da cidade de Desterro publicava em suas páginas a matéria intitulada: Festas, Em Homenagem A 'Pátria Livre. O periódico alertava que somente na noite anterior havia tomado ciência do ocorrido, mas pela entonação da notícia, ficou evidente que merecia um lugar na capa da edição número 118 daquele diário de grande circulação na capital.

Festas

EM HOMENAGEM A'PATRIA LIVRE

Só hontem tivemos sciencia d'uma importante occorrenca que teve lugar no Hotel Brazil, na segunda noite dos festejos da abolição da escravatura.

Por essa ocasião, agglomeraram-se naquele importante estabelecimento varios e distinctos mebros da colônia allemã, os quaes, no auge do entusiasmo e do jubilo, brindaram a liberdade do Brazil, o progresso material do Imperio do Cruzeiro e o desenvolvimento e civilisação do povo brasileiro terminando cada brinde com harmoniosas canções e entusiasticos e admiráveis hymnos allemães, cantados em homenagem ao Brazil, pelos cidadãos Srs. F Henrenschke, Leopoldo Malburgo, Henrique Scheele, Draniel Krapp, Classen, Ricardo Ebel, Carlos Scholz, Romão Bruckner e Rodolpho Sohn.

Achandose presente este acto o muito illustrado capitao de mar e guerra AntonioXimenez de Araujo Pitada, que por aquelles distinctos cavalheiros havia sido convidado para compartilhar do seu regosijo, elle respondeu áquele brinde, em nome do Brazil e dos Brasileiros, de que se orgulhava ser

9 A informação pode ser encontrada na parte superior da capa da notícia d'O DIA 31 de maio de 1888.



filho e compatriota, brindando o Imperio Allemão, sua sciencia e a à coloniaallemã residente nesta cidade.

Damos, com o maior prazer, publicado a esse acto que tanto honra a Nação Brazileira e que também torna sympathica a conceituada para nós colônia allemã da cidade de Desterro¹⁰.

O trecho que expomos acima é uma dentre as fontes que possibilitam problematizar a vinda dos alemães para Santa Catarina. Fica evidente no informe um dos motivos que fizeram emergir um discurso positivo quanto à vinda dos imigrantes germânicos nesse período. Surgia então, como afirma Paulo Pinheiro Machado, uma narrativa de parceria entre alemães e brasileiros ligada à política de imigração posta em prática pelo império para atrair esses imigrantes. Segundo o historiador a vinda dos imigrantes para a região não foi somente por esforços da Sociedade Promotora de Imigração ou das ações governamentais, mas também de uma “formação de colônias de propaganda onde os imigrantes receberam lotes de terra para cultivo nas três províncias do Sul e no Espírito Santo”. Estes núcleos além de promoverem a ocupação territorial e o desenvolvimento das lavouras de gêneros alimentícios, converteram-se em centros de atração de imigrantes¹¹.

Ao ler o informe publicado pelo jornal, logo percebemos que não se tratava de uma simples comemoração feita pelos moradores locais. Mas sim, um festejo realizado por membros da colônia alemã de Desterro. Brindando a “liberdade do Brazil” os imigrantes em território catarinense cantavam “hynos alemães”, sendo ainda nomeados os representantes daquela colônia. No final da notícia, o redator do jornal, ainda conclui alegando seu maior prazer em publicar aquela notícia, mostrando toda sua simpatia por aquele acontecimento. Outra figura que nos salta aos olhos é o capitão de mar e guerra Antonio Ximenez de Araújo Pitada um dos convidados para unir-se a comemoração. Araújo Pitada abandonou a Corte em 1880 e passou a residir na capital, recebido com imenso prazer pelo jornal *A Regeneração*¹². Como representante dos brasileiros e de alguma das elites locais, brindou pelo Império Alemão e a colônia da capital, selando o pacto entre alemães e brasileiros.

A política de imigração e colonização do império esteve relacionada a uma das medidas que foram tomadas pelas elites brasileiras frente a um crescimento do setor agroexportador e maior capacidade de investimento no Estado Brasileiro. Nesse contexto, pensou-se uma política de imigração que levasse em consideração tanto a questão da mão de

10 *A Regeneração*, Desterro, 31 de maio de 1888, Typografia e Escriptorio Praça Barão da Laguna.

11 MACHADO, 1999, p. 74.

12 *A Regeneração*, Desterro, 15 de julho de 1880. Typografia – Rua de João Pinto 29.



obra necessária as grandes lavouras como a ocupação de terras e a diversificação do mercado Brasileiro¹³.

Durante o período de 1850 e 1860 indivíduos pertencente às elites liberais como o Baimão Marquês de Abrantes incorporaram essas preocupações e defenderam seus pontos de vista. No caso de Abrantes, o mesmo defendia a vinda de alemães por se tratarem de gente conservadora e com disciplina, além disso, via na colonização de pequena propriedade no Brasil meridional um meio para atrair imigrantes à grande lavoura. Dessa forma entre os anos de 1850 e 1860 as principais iniciativas praticadas pelo Governo Imperial, para estimular a imigração e colonização, se pautaram na concepção liberal de que o “Estado deve oferecer os meios e recursos para a iniciativa empreender seu projeto”¹⁴. A intensão de atrair através dos pequenos núcleos coloniais uma corrente imigratória que suprisse também a mão de obra para as grandes lavouras perdurou durante a década de 1870, mesmo que a ideia de que estes imigrantes fossem substituir a mão de obra das grandes lavouras fosse perdendo força com o tempo¹⁵.

Outra questão ligada à vinda dos europeus para o Brasil estava no intuito de promover um branqueamento do país. A revolta no Haiti no final do século XVII e a Revolta dos Malês no Brasil em 1835, ambas com a etnicidade negra como eixo principal, provocaram uma reação por parte dos deputados brasileiros, que se preocupavam com a aumento no número de negros livres após o fim da escravidão no país. Dessa forma a vinda de europeus para o Brasil fazia parte de um processo de configurar uma nação civilizada, proporcionando um branqueamento do país e elevação da modernização e valores como família, trabalho e civilidade¹⁶.

Houve também por parte de intelectuais republicanos nesse período uma transformação da noção de trabalho antes ligada à escravidão. Foi no povo alemão que desde 1871 passava por um processo de unificação nacional que a ideia de trabalho ganhou novas conotações. A *Deutschtum* ou germanidade como foi chamada pelos brasileiros, significou para os intelectuais e os próprios alemães, não somente pertencer à pátria estrangeira, mas também fazer parte de uma “cultura do trabalho”. Foi frequente durante a primeira república os alemães se utilizarem dessa ideia de cultura construída para se distinguirem de outras

13 MACHADO, 1999, p. 64.

14 Ibidem, p. 67.

15 Ibidem, p. 73.

16 PODELESKI, 2010, p. 48.

etnias, tendo o trabalho não somente como uma atividade voltada para o lucro, mas também como um valor moral, cívico e de identificação étnica¹⁷.

A partir das afirmações feitas acima, percebemos que a construção do discurso do jornal acerca dos alemães, está carregada das transformações políticas que acontecem no âmbito nacional. Não é portando pela simples libertação dos escravos que comemorava a colônia alemã da capital, até porque, grande parte dos alemães residentes em colônias também se faziam uso dessa mão de obra. Na verdade, o real motivo é momento de uma pretensa aliança política de aliança entre o Brasil e Alemanha, no qual, o fim da mão de obra escrava beneficiava a vinda dos estrangeiros para o país. Fica evidente também na narrativa da notícia, o interesse do periódico do partido liberal em demonstrar uma alta simpatia pela colônia da capital naquele momento de aliança política entre os dois países.

A política e mudança nos discursos: O Dia e A República

O início do século XX é marcado pela formação de diversas colônias alemãs pelo Estado de Santa Catarina. Os imigrantes que vinham para região, sob tutela do estado, usurparam o território onde viviam os grupos indígenas Xokleng e Kaingang. Por meio de empresas de colonizadoras como a Sociedade Colonizadora Hanseática os estrangeiros financiavam suas passagens e garantiam um lote de terra no Brasil. Em 1897 a sociedade hanseática negociou uma porção de terras que estavam situados na região norte e nordeste do Estado, para reagrupá-las em 650.00 hectares em uma nova localidade denominada a Colônia de Hansa. Foi para esta colônia que se dirigiu a maior parte dos imigrantes, alemães ou não, que vinham para o Estado de Santa Catarina. No mapa atual Hansa ocupou o que hoje seria Joinville, Blumenau, Itajaí, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul, entre outros municípios¹⁸. Esse empreendimento contava com o apoio de ambos os países em questões econômicas e de estruturação dos colonos¹⁹. Contudo, outro fator que não pode ser desprezado foi à atuação de intelectuais alemães, teuto brasileiros e brasileiros, na divulgação da cultura germânica. Isso implicou que nas colônias onde os alemães residiam a cultura e a linguagem tradicional de

17 FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. (Org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 194.

18 SANTOS, Ademir Valdir. *As escolas alemãs em Santa Catarina e sua transformação para teuto-brasileiras: uma análise histórica*. Acta Scientiarum. Education, Maringá, v. 36, n. 2, p. 233-242, July-Dec., 2014, p. 234.

19 Ibidem, *apud* JAHRESBERICHT..., [190-?].



seu país fosse não só presente, mas também a dominante. Além de jornais publicados em Alemão, como o *Blumenauer Zeitung* e o *Der Urwaldsbote* responsáveis também pela difusão dessa cultura, as escolas alemãs a religião e as festas culturais eram também outros meios de divulgação.

Frente ao processo de nacionalização alemã que ocorria nas colônias, foi no ano de 1901, numa disputa política que acontecia em Blumenau, que percebemos uma das facetas dos discursos sobre esses estrangeiros. Na data de 16 de janeiro daquele ano o jornal O Dia, órgão do partido republicano catarinense, publicava a notícia com o seguinte teor

A República teve a nefanda tarefa de trazer sem suas columnas edictoriaes – os dessidentes vigem – falsos brasileiros a formentar odios entre nacionaes e allemães, como se essa dissenção podesse servir aos seus interesses, sem prejudicar os da Patria, na qual nascemos ou a cuja sombra nos abrigamos! [...] ²⁰.

A notícia acima faz parte de uma disputa que aconteceu entre os jornais O Dia e República que debatiam sobre a nomeação do interventor Bonifácio da Cunha, pelo Governador Felipe Schmidt, contrária à vontade dos alemães na cidade de Blumenau. Ambos jornais faziam parte de órgãos de partidos republicanos do Estado, sendo O Dia ligado aos partidários de Felipe Schmidt e Dr. Bonifácio, de cunho mais nacional, e o República ligado a Lauro Muller e Hercílio Luz, tendo como redator chefe Jose Boiteux em defesa dos teuto brasileiros. Acusando o outro jornal de trazer em suas colunas os “falsos brasileiros”, percebemos na notícia a tentativa de formular um discurso que desprestige a identidade daqueles descendentes de alemães e que coloque o espírito nacional brasileiro em primeiro plano. Em resposta a essa publicação, no dia 17 de janeiro o diário República rebatia a acusação:

O DIA, de hontem, vem tritando fingindo-se apavorado com a questão da raça levantada em Blumenau pelo sr. Bonifacio contra a raça olympica dos deuses fortes, synthetisada nos teutos-brasileiros d'aquella galharda e figalda zona do nosso Estado. [...]

O Sr. Schmidt, que tanto doira as obras do sr. Bonifacio, e que è o único responsável pela questão, ha de sentir, de *um modo alarmante e profundamente eloquente*, as consequencias das provocações diarias, das injustiças feitas a homens que até, ha pouco, só tinham a preocupação do trabalho e da família. [...]

20 *O Dia*, Florianópolis, 16 de janeiro de 1901, Redação e Officina - rua Trajano 14.

Haverá maior iniquidade do que de considerar inimigos do Estado todos os germano naturalizados que não mandam adesões no governo do Sr. Felipe? Que è isto? Estaremos no regimen de crê ! Ou morre!? ²¹.

Ao analisarmos a notícia é possível identificar elementos da germanidade em que se revestiam os imigrantes alemães para justificarem a manutenção de sua cultura e ao mesmo tempo sua “brasilidade”. Chamando-os de “raça olympica dos deuses fortes” o jornal acusa Felipe Schmidt de ser injusto com aqueles homens que só tinham preocupação com seu trabalho e sua família, e ainda questiona os leitores, se quaisquer germânicos nascidos no Brasil que não compactuem com o governo seriam tachados de inimigos da nação. Dessa maneira a notícia procura enxergar a presença dos alemães no Estado de Santa Catarina como algo positivo, como indivíduos que contribuem para uma melhor formação da região, para isso utiliza a questão de raça para legitimar uma suposta superioridade.

Passado um mês o jornal O Dia volta a fazer acusações e defender um nacionalismo em favor de Felipe Schmitt. Desta vez acusa os estrangeiros de estarem se unindo para que não houvesse um chefe brasileiro em Blumenau o periódico publica um trecho de um artigo do jornal *Blumenaurer Zeitung*, referindo-se ao jornal *Urwaldsbote*, ambos controlados por alemães ou descendentes.

O MANIFESTO

(Do *Blumenaurer Zeitung*) (Conclusão)

Sobre a questão de raça, cuja odiosidade os culpados pretendem agora occultar ou tirar dos hombros a responsabilidade, os nosso contendores devem mostarem nossos escriptos, em nossos actos, um só momento em que a tal assumpto nos referimos antes do celebre artigo do *Urwaldsbote*, que dizia entre outas “Na Bahia, em Pernambuco, o Dr. Cunha poderá ser chefe político, em Blumenau não... “nos queremos conservar a nossa nacionalidade” “nós temos superioridades que não devemos sacrificar”... não queremos nos perder no brazileirismoanonymo”²².

Novamente, só que agora com uma entonação de ironia aparecem elementos dos discursos que circulavam sobre o povo alemão. Ironizando a “superioridade alemã” faz uma acusação direta aos teuto brasileiros da região, alegando que esses estavam muito mais preocupados em manter a sua nacionalidade, do que se perder num brasileiroismo. O periódico não poupava palavras para defender seu companheiro Felipe Schmidt, que colocará o

21 *República*, Florianópolis, 17 de janeiro de 1901. Typographia e Redação: rua Joãopinto nº 26-A.

22 *O Dia*, Florianópolis, 12 de fevereiro de 1901, Redação e Officina - Rua Trajano 14.



interventor Sr. Bonifácio em Blumenau contra um membro do partido alemão²³. Aliás, a criação do partido alemão despertou ainda mais indignação por parte do jornal que em abril seguia ainda tratando das “questões de raça”:

QUESTÕES DE RAÇA

VI

Os authores da propaganda do partido allemão, esforçam-se para nos convecer, asseverando que nada mais aspiram do que concorrer lealmente para o bem, a felicidade o progresso, a grandeza do Estado. Até ahi vamos bem e estamos de acordo; mas este trabalho todo, generosamente offerecido e parte executado [...] não pode deixar de nos trazer serios cuidados ao sentimento que estes collaboradores, [...] em vez de pagarem a adaptação aos partidos políticos existentes, nacionalizando-se, unem-se formando um só corpo, estabelecendo o distinctivo de raça de língua, levantam a bandeira, política de seu interesse próprio, que já acha diverso do nosso, e dizem-nos não se assustem, nós apenas não queremos ser governados; a igualdade já nos serviu em tempo, agora queremos predominar, uma vez que temos força²⁴.

Com uma entonação cada vez mais de cunho nacionalista o periódico questiona a fundação de um partido alemão, sendo que já existiam diversos partidos nacionais brasileiros no Estado. Alega que por mais que essas populações digam lutar pela felicidade e o progresso da grandeza do Estado, deve-se tomar cuidado, pois o período da igualdade já lhes havia servido um tempo, agora estes queriam dominar. Na mesma notícia, o periódico ainda discute a questão das sociedades escolares que funcionam nas colônias alemãs. Estas que “ensinem o idioma allemão ameaçando de exoneração o professor que tentar incutir o ânimo dos seus discípulos pelas cousas nacionais ou pela língua”²⁵. Acusa tal instituição de furtar das escolas primárias do governo municipal ou estadual a instrução de cunho nacional. Ainda sobre as escolas dizem que chegam a ganhar respeito do governo nacional mesmo não havendo um professor brasileiro e contando com apoio do governo alemão.

Analisando a sequência de fontes apresentadas percebemos como ambos os discursos, tanto o de cunho nacionalista brasileiro, quando o em defesa da germanidade e da identidade

23 Em resposta ao Jornal *O Dia* o jornal *República* no dia 9 de março de 1901 esclarece a criação do partido alemão: “O partidlo Allemão não passa de uma frase [...] São republicanos e sua Alemanha è o seu municipio, que defendem até contra a política do governador do Estado, que allipoz o superintendente Bonifacio Cunha para Provocal-os. A União do povo, Volksverein, é uma sociedade de 2400 sócios, a 200 réis por mez, para ter medico e pharmacia, Só resolveu tratar de política, actualmente, porque o governador de Santa Catarina, desfigurando o pensamento do legislador catharinense transformou a lei do imposto de capital, meio por cento para este e ¼ para as terras por um regulamento leonino, num sorvedouro de todas as energias da lavoura da zona colonial”.

24 *O Dia*, Florianópolis, 16 de abril de 1901, Redação e Officina - Rua Trajano 14.

25 Idem.



dos teuto brasileiros se apresentam de diferentes formas nos dois periódicos. Os jornais constroem sua narrativa determinado por interesses, motivações e situações políticas. O periódico República, em defesa do Sr. Feddersem, representante do partido alemão, procura envolver esses teuto brasileiros numa cultura do trabalho, alegando que estes já eram nascidos no Brasil e ali era seu país, mesmo que cultivassem ainda questões culturais ligadas à sua pátria alemã. Em contrapartida *O Dia* se opõe fortemente à criação de um partido alemão, que passou ser adversário político de Felipe Schmitt, apelando para questão de raça, usando de seu meio de comunicação para desqualificar os descendentes germânicos de brasileiros, acusando-os de estarem mais preocupado com sua pátria Alemã.

Dessa forma é possível compreender que os discursos sobre os alemães, não possuem uma linearidade, nem são homogêneos. Estes estão mais ligados a relações de poder, a disputas políticas locais, ao período em que se afloram algumas questões que fazem emergir justificativas para objetivos de certos sujeitos.

Como demonstração dessa mudança constante nos discursos referentes aos alemães, podemos utilizar como exemplo o próprio jornal *O Dia*, que depois de proferir tantas acusações contra a instrução alemã não deixou de prestigiar e publicar uma notícia referente à inauguração da escola da capital em 28 de janeiro de 1906. Nesta data a associação da Escola Alemã inaugurava um novo edifício para seu trabalho. Para cerimônia foram convidados o Coronel Pereira e Oliveira, Governador do Estado, acompanhado por Horacio Nunes Pires, diretor da instrução pública e todos os membros da “laboriosa colônia allemã”. Presente também o negociante Carlos Hoepeck que salientou que “o fato de ter a escola por título – Escola Alemã – não queria dizer que ali se fizesse exclusivamente nacionalidade” sendo sua frase bem recebida pelos presentes. Em outro discurso Horácio Nunes Pires proferiu as seguintes palavras:

[...] D'alma franca e coração aberto, o que sinto, o prazer que me anima ao achar-me em meio de vós que, - filhos de outra Patria – viestes colaborar com os brasileiros para a prosperidade do Brasil, que vos considera como outros tantos amigos sinceros e delicados.

E nem pode deixar de ser leal a amizade entre allemães e brasileiros, entre os filhos das terras de Santa Cruz e os filhos das terras da Germania - tantos e tao grandes são os interesses que os ligam, - interesses que mais e mais avultam cada dia e, que mais e mais impõem a mais completa solidariedade entre todos²⁶.

26 *O Dia*, Florianópolis, 7 de fevereiro de 1906. Redação e Officinas Rua Jeronymo Coelho n.6.



Assim, fica evidente como quando não há uma situação política local que coloque brasileiros contra alemães, o discurso, do mesmo jornal que proferiu diversas acusações contra esses germânicos naturalizados, agora se torna outro. Com provável compactuação com o atual Governador do Estado, os alemães são vistos como colaboradores da prosperidade do Brasil, amigos sinceros, trabalhadores. Foi em 1916 que novamente o cenário político nacional será sacudido por uma onda nacionalista.

O nacionalismo emergente: a crítica as escolas alemãs

A primeira guerra mundial que aconteceu entre os anos de 1914 e 1918 fez com em diversas regiões do mundo se colocassem o termo ‘Nação’ em debate. O Brasil não ficou de fora dessa discussão. Emergiram pelo país pequenos grupos em defesa da nação brasileira, merecendo destaque a fundação em 1916 da Liga de Defesa Nacional, ligada ao poeta Olavo Bilac. O mesmo poeta ainda percorreu os territórios do Brasil incentivando a fundação de associações nacionalistas. A liga se utilizou principalmente da propaganda e conferência para atingir o que chamava de “reerguimento do caráter nacional”. A publicação de artigos no jornal O Estado de São Paulo, entre 1915 e 1916, evidenciou que o restabelecimento da nacionalidade para esse grupo se daria principalmente em torno das seguintes questões: melhoria no nível educacional da população, institucionalização da obrigatoriedade do serviço militar e o voto secreto²⁷.

Seja pela presença de intelectuais paulistas em território catarinense, ou pelas publicações de manifestações que aconteciam no Rio de Janeiro e São Paulo, novamente as colônias alemãs voltaram a ser alvo de críticas dos nacionais. Tendo o ensino como um dos eixos principais de discussão as escolas alemãs, passaram a ser vistas novamente como uma ameaça a brasilidade.

Dentro desse contexto o periódico O Dia, em 9 de maio de 1917, voltou a defender o nacionalismo e a questionar o domínio da cultura alemã nas escolas do Estado. As escolas alemãs surgiam em Santa Catarina em locais onde houvesse núcleos populacionais de origem alemã, ficando evidente que até mesmo na capital, onde os alemães não eram a população majoritária, emergiu uma instituição escolar voltada para as crianças estrangeiras.

27 MOREIRA, Levi. Ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924). *Revista Histórica*, Capa, n. 116 (1984).



Focando nessas instituições o jornal O Dia publicou uma matéria transcrita do periódico “D'A Noticiado Rio” em que se faziam apontamentos sobre “O germanismo no Sul do Brasil”:

SANTA CATARINA

O germanismo no Sul do Brasil

II

(D' A Noticia do Rio).

Encerramos as nossas notas de hontem com uma referencia à situação das populações do interior de Santa Catharina, condemnados ao analphabetismo, pela imprevidencia dos governos do nosso paiz, caso não quisessem ellas estudar nas escolas allemãs disseminadas por todos os lados. Assim, essas populações, em parte, é certo, pela falta de escolas nacionaes, especialmente nas zonas das colonias mais distanciadas das cidades, estudam nas escolas allemãs, aprendem a língua allemã, a história da Alemanha, num desconhecimento completo da língua vernacula e de todas as coisas que se predem a sua verdadeira Pátria²⁸.

Na notícia apresentada percebemos um alerta aos leitores sobre o possível “analphabetismo” que se encontravam as populações daquela região que estudavam nas escolas alemães “disseminadas por todos os lados”. Acusando o Estado Brasileiro de não providenciar escolas nacionais para aquela população, condenavam as instituições alemãs por ensinarem a história e a língua alemã. É interessante constatar como nesse momento, diferente do da inauguração da escola alemã da capital onze anos atrás, o tema das escolas é tratado como uma ameaça para formação de uma nacionalidade e não como uma parceria entre alemães e brasileiros, sendo apresentadas soluções para resolver esse problema:

Entendemos que o primeiro passo a ser dado encarando-se de frente, o trabalho da nacionalisação verdadeira daquellas populações deveria consistir no fechamento immediado das escolas allemãs. Ao lado de cada uma dellas [...] deveriam ser abertas escolas brasileiras tão boas ou melhores que as que tivessem as suas portas cerradas. [...] Aquellas populações brasileiras, descendentes de germanicos, acostumadas a um regimen de disciplina social inalteravel, ordeiras e faceis de guiar, não se rebelarão, sem dúvida, contra uma medida de tal natureza. Desde que lhes ministrem o ensino da nossa história e da nossa língua, aquelles brasileiros recebel-o-ão de bom grado. Nós vemos temol-os segregado do nosso meio. E preciso que os chamemos ao nosso convivio. E para isso, inicialmente, é indispensavel o fechamento das escolas allemãs – IVO ARRUDA²⁹.

28 *O Dia*, Florianópolis, 9 de maio de 1917. Redação e Officinas rua João Pinto N. 16.

29 Idem.



Dessa forma percebemos como as agitações ocorridas em São Paulo e no Rio de Janeiro afetaram o território catarinense, fazendo emergir ideias sobre um possível encerramento das escolas alemãs. Em seus lugares haveria de se abrir escolas brasileiras voltadas para uma formação patriótica. O fechamento na visão dos nacionalistas, não consistia em uma medida que geraria conflito com as populações germânicas, mas pelo contrário “desde que lhes ministrem o ensino da nossa história e da nossa língua” aqueles alemães poderiam ser incorporados aos cidadãos brasileiros sem que houvesse problema. Essa medida, também está muito próxima do programa que será abarcado por Vargas nos anos de 1930, onde a vocação para o trabalho alemão será exaltada e tomada com um valor que devesse ser estendido a todos brasileiros.

A construção do discurso na cidade de Lages

Outra forma de perceber como foram utilizados esses discursos é refletindo sobre a construção de uma memória coletiva lageana, onde Vidal Ramos contribuiu com a construção política de identidade com a obra “Notas para a fundação de Lages (1766-1783)” de 1944, na qual ele enaltece os “grandes homens”, característica de uma história tradicionalista que se apresenta excludente e com o mito das origens e dos primeiros povoadores. Em 1982 foi publicada a obra “o continente das Lages – sua história e influencia no sertão de terra firme” do Instituto histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) de Licurgo Ramos, o qual atribui a Lages uma identidade luso-brasileira e que segundo a autora Juçara de Souza Castello Branco, Licurgo Ramos pesquisou de forma parcial partindo de sua vida pessoal e familiar, o que demonstra que existe um plano de fundo no IHGSC que pretende construir uma identidade política lageana.

Essa construção já se desenvolvia desde o início do século XX, onde em 1917, com o presidente Venceslau Braz, o Brasil declara guerra à Alemanha, aprisionando cerca de 46 navios alemães. Nesse mesmo período surgem diversas manifestações na Praça João Ribeiro, deixando a frente destas a bandeira do Brasil, do Estado e do Município e com muitas frases que incitavam um “perigo alemão”, como demonstrado no Jornal O Planalto:

Da frente do palacete Costa, continuando a marcha, o povo foi estacionar nas proximidades do Club I o de Junho, de onde falou o Sr. Gentil Viera Borges, que terminou dando morra à Alemanha e vivas ao Brasil! Na melhor ordem dissolveu-se, em seguida, o povo. E assim Lages deu mostras do seu gozozijo



pelos triunfos que vão sendo alcançados pelos aliados e da sua fé na vitória final da civilização³⁰.

Esse discurso nacionalista e de construção luso-brasileira é retomado fortemente com a chegada de Vidal Ramos ao posto de governador do Estado de Santa Catarina na década de 1930. O que se pode perceber como, nos anos 1917 e 1918, esse discurso atingiria fortemente as pessoas que se reconheciam como teuto brasileiras e que aqui residiam. Todavia, sendo forte o bastante para efetuar fechamentos de jornais, escolas, conseguir a proibição da língua alemã e a exposição de alguma forma de "identidade alemã", o que foi visto com muita desconfiança, principalmente na retomada desse discurso luso brasileiro no final da década de 1930.

Considerações finais

A produção de análises históricas não se limita somente discutir e compreender os fatos, os sujeitos e os processos em que estes estão envolvidos. Discursos produzidos em determinados momentos da história também podem ser objeto de estudo dos historiadores.

Foi dentro dessa perspectiva que procuramos desenvolver nossa pesquisa nos periódicos utilizados para tratar sobre a imigração alemã em Santa Catarina. Investigar as narrativas produzidas nesses jornais permite compreender melhor questões relacionadas à identidade, etnia e as próprias disputas de poder que se constituíram no Estado de Santa Catarina. Perceber como esses estrangeiros foram vistos ao longo da colonização, torna-se importante para compreender as relações que se deram durante o processo migratório e a fixação da população na região.

Dessa forma, ao longo desse artigo, foi possível identificar no mínimo três facetas nos discursos produzidos acerca dos alemães. Primeiramente, a vinda dos imigrantes para região esteve ligada a necessidade de povoar o Sul do Brasil através de um projeto político de branqueamento, e, também ter uma mão de obra alternativa para suprir as lacunas que se formavam com o acirramento e fim da escravidão no país. Buscando construir uma imagem positiva dos alemães, os intelectuais e a imprensa se esforçaram para difundir política de estado que buscava o branqueamento da nação, unida a uma nova perspectiva no conceito de trabalho fundamentado no nacionalismo germânico que se consolidava durante os anos de

30 *O Planalto*, Lages, nº 71, 24 de outubro de 1918.



1870. Baseado nessas questões, os alemães e seus descendentes procuraram-se envolver nessas narrativas para justificarem uma suposta superioridade, dando fundamentos para manterem suas práticas culturais e expandi-las nas regiões onde se fixaram.

Na medida em que foram se consolidando os aspectos da cultura alemã em Santa Catarina, os imigrantes passaram a ganhar cada vez mais espaço na sociedade, sejam eles institucionalizados ou não. A ascensão econômica de colônias como Blumenau e Joinville e o domínio quase completo por estrangeiros nessas cidades, fez emergir discursos de oposição na região litorânea e no planalto Lageano. Novamente debatendo questões baseadas na ideia de raça, a imprensa procurou dependendo ponto de vista defender ou desprestigiar a imagem dessas populações, como é o caso do debate que ocorreu entre os jornais *O Dia* e *República*. Enquanto o primeiro buscava fazer críticas à criação de um partido alemão em Blumenau, por achar que estariam opondo-se aos interesses da pátria, o segundo buscava envolver ainda os teuto brasileiros numa ideia de germanidade que justificasse os benefícios daqueles cidadãos para prosperidade do país.

A onda nacionalista que tomou conta do país em 1916 provocou seria influências na maneira como a imprensa passou a ver as colônias alemãs em Santa Catarina. O movimento que se baseava em questões relacionadas à melhoria no nível educacional da população, institucionalização da obrigatoriedade do serviço militar e o voto secreto procurou desenvolver críticas a quaisquer aspectos que fugisse do ideal da construção de uma nação Brasileira. Foi a partir desse momento que os alemães começaram a ser vistos por alguns intelectuais como um verdadeiro “perigo” a nacionalidade, como discutido no caso de Lages. As escolas, a língua, as práticas culturais começaram a ser questionadas e passaram por um processo de reformulação que visava introduzir aspectos que dessem a essas populações uma identidade mais brasileira do que alemã. Embora tenhamos analisados somente esse primeiro movimento de 1916, vai ser principalmente no período de 1937 a 1945 com a nomeação do interventor Nereu Ramos por Getúlio Vargas que esse processo será levado ao seu ápice. Tomando medidas como o fechamento das escolas alemãs e a proibição da língua alemã, o momento é marcado por uma construção da ideia de serem todos cidadãos brasileiros.

Por conseguinte, podemos afirmar que os discursos produzidos acerca dos alemães não são lineares, nem homogêneos. Mas sim construídos por relações de poder, interesses, motivações, situações políticas locais, podendo até, como no caso do jornal *O Dia* – que ora prestigia e ora faz críticas à escola alemã – se contradizerem ao longo da história. As



narrativas estão sempre unidas a questões da produção de uma memória e como defendido pela historiografia, esta memória é seletiva e se constitui através de uma relação de forças onde algumas se sobressaem as outras, tomando alguns discursos e excluindo outros.

Fontes

Biblioteca Nacional Digital do Brasil. *O dia*, Florianópolis/SC (dias: 16/01/1901, 12/02/1901, 17/04/1901, 07/02/1906, 09/05/1917, 05/06/1917).

Biblioteca Nacional Digital do Brasil. *República*, Florianópolis/SC (dias: 06/02/1901, 09/03/1901, 17/01/1901).

Biblioteca Nacional Digital do Brasil. *A Regeneração*, Desterro (dia: 31/05/1888).

Biblioteca Nacional Digital do Brasil. *Planalto*, Lages/SC (dia: 24/08/1918).

Referências

CAROLA, Carlos Renato; WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. A historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel (Org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 303-320.

FROTSCHER, Meri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade*: Ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). 2003. 287 fls. Tese - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

_____. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. (Org.) *Visões do Vale*: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000, p.187-206

MACHADO, Paulo Pinheiro. *A Política de Colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade /UFRGS, 1999.

MOREIRA, Levi. Ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924). *Revista Histórica*, Capa, n. 116 (1984).

PODELESKI, Onete da Silva. *Terras e colonização em discussão no Parlamento Imperial*: o debate da Lei de Terras em 1843. Florianópolis, 2010. 72 f. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de História. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Hist288234.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

SANTOS, Ademir Valdir. *As escolas alemãs em Santa Catarina e sua transformação para teuto-brasileiras*: uma análise histórica. *Acta Scientiarum. Education*, Maringá, v. 36, n. 2, p. 233-242, July-Dec., 2014.



Recebido em 17 de novembro de 2016

Aceito para publicação em 20 de abril de 2017

